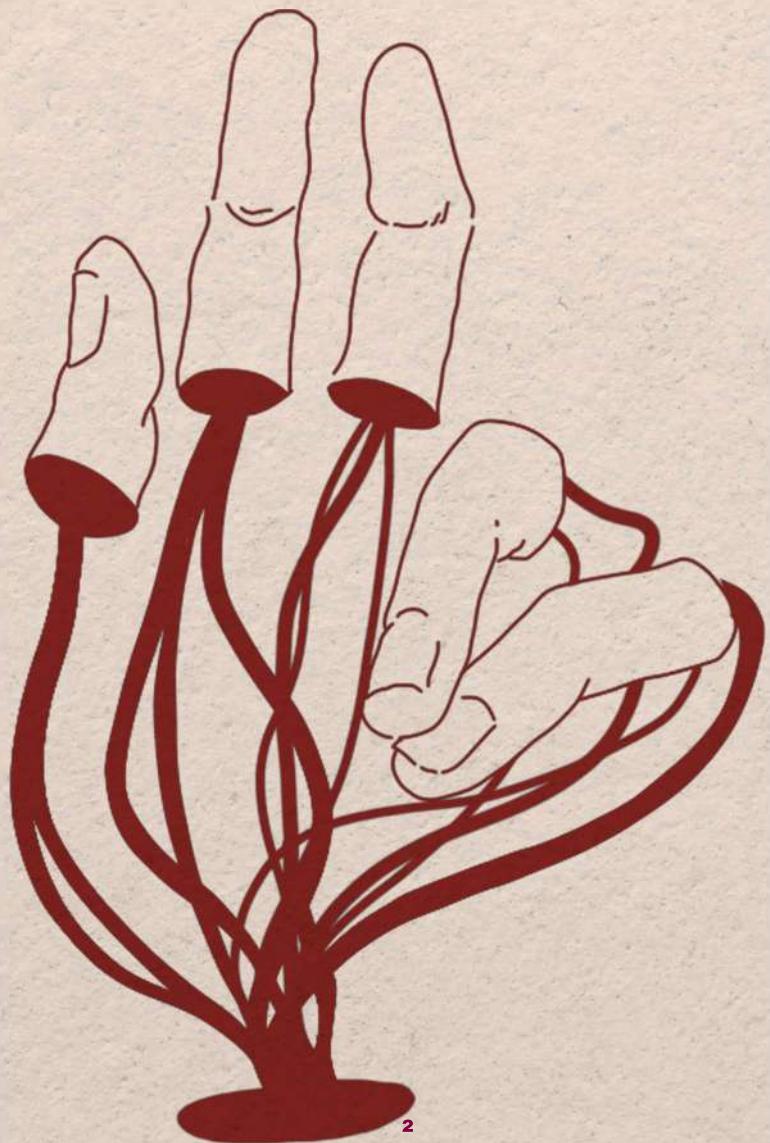




PELE E MÁQUINA

UM ESTUDO DA TATUAGEM SOBRE
A ÓTICA DO MANIFESTO CIBORGUE



Universidade Federal de Pernambuco
Departamento de Artes
Artes Visuais - Licenciatura

Pele e máquina

Um estudo da Tatuagem sobre
a ótica do Manifesto Ciborgue

Larissa Dutra Campos¹

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Graduação
em Artes Visuais, da Universidade
Federal de Pernambuco, como requisito
parcial para obtenção do título de
licenciado em Artes Visuais.

Orientador: Eduardo Romero Lopes
Barbosa

Recife, 2023

¹Conhecida profissionalmente pelo nome social e artístico, Amarelo.

²A capa e as ilustrações que acompanham o texto são produções
autorais de Amarelo

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Campos, Larissa Dutra.

Pele e máquina: Um estudo da Tatuagem sobre a ótica do Manifesto Ciborgue / Larissa Dutra Campos. - Recife, 2023.

29 p. ; il.

Orientador(a): Eduardo Romero Lopes Barbosa
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação, Artes Visuais - Licenciatura, 2023.
Inclui referências, apêndices, anexos.

1. Tatuagem. 2. Corpo. 3. Artes Visuais. 4. Manifesto Ciborgue. 5. Tecnologia. I. Barbosa , Eduardo Romero Lopes . (Orientação). II. Título.

700 CDD (22.ed.)

Aprovado em: 14/09/2023

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Eduardo Romero Lopes Barbosa
(Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dr. Maria Betânia e Silva
(Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

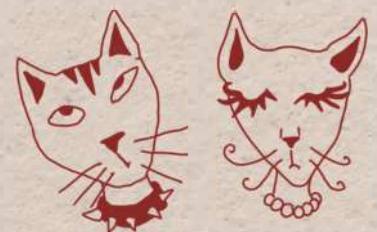
Prof. Marcos Haas
(Examinador Externo)

RESUMO

O estudo aqui apresentado é uma pesquisa que aborda como a linguagem artística da Tatuagem dialoga com a obra da autora Donna Haraway, o ensaio *O Manifesto ciborgue - ciência, tecnologia e feminismo socialista no final do século XX* (2009a) explorando suas intersecções e implicações. Além disso, serão debatidas as práticas da Tatuagem no contexto das Artes Visuais, apresentando aspectos da atuação da tatuadora nesse cenário. O estudo amplia as considerações de Haraway e traz uma reflexão sobre o Manifesto Ciborgue a partir da vivência e linguagem da própria artista tatuadora.

Palavras-chave:

Tatuagem; Artes Visuais;
Corpo; Experiência; Manifesto Ciborgue; Tecnologia.



AGRADECIMENTOS

Além de concluir minha atividade acadêmica, finalizar este trabalho também representa para mim a culminância de um ciclo importante na minha vida, repleto de experiências profundamente significativas. As palavras escritas nessas páginas são fruto de um sonho persistente, de jornadas em busca de liberdade.

Sinto, aliado à satisfação de por essa pesquisa no mundo, um reconhecimento de que esse processo não é fruto de um esforço individual, mas de toda uma extensa rede de pessoas apoiadoras e incentivadoras, seja de maneira direta ou indireta. Sinto-me uma pessoa muito querida e privilegiada por ter tido tanta ajuda ao longo desse processo.

Encontro nesse momento uma circunstância conveniente para externar meus sinceros agradecimentos à todos que contribuíram para esse momento. Para mim, essa pesquisa é, de certa forma, uma carta de amor aos corpos sujeitos aos riscos e às experiências ao longo da minha jornada na tatuagem. Sem vocês este trabalho, que se mostrou um mapa afetivo de tatuagens e corpos, não seria possível.

A fruição do meu trabalho é uma consequência da vontade de experiências de muitas pessoas. Agradeço especialmente aos primeiros corpos que ousaram receber meus traços hesitantes, pelas memórias únicas que construímos juntos.

Gostaria de expressar minha gratidão aos meus irmãos Vitão e Felipão pelo carinho imensurável, à querida Dalila por tantos sorrisos e a Benício pelos sorrisos que estão por vir. Agradeço ao meu pai pelo apoio constante e entusiasmo em minha jornada como tatuadora e à minha mãe, uma inspiração enquanto artista, pela sua parceria imensurável ao longo de todos os processos que me trouxeram até aqui. Agradeço por cuidarem de mim todos os dias e por respeitarem as minhas escolhas.

Não posso deixar de mencionar Abel, pelas madrugadas que viramos juntos, pelas transformações pautadas na vulnerabilidade mútua, pela esperança, pela maravilhosa captura de imagens e por uma com diagramação para além de todas as minhas expectativas. Sem ele, eu não teria sido capaz de apresentar este trabalho desta forma.

A todos os professores e ex-professores do curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPE, agradeço pelo acompanhamento nesse trajeto sinuoso, por todas as trocas que extrapolaram as paredes da sala de aula. Em especial, agradeço a Romero por acreditar, por embarcar em minhas ideias, por seu encorajamento em todos os espaços de experimentação e aprendizado, e pelo apoio que ele proporcionou durante o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos artistas sobreviventes do Coletivo em Carne Viva, levo todos vocês comigo como uma eterna fonte de inspiração e como um refúgio seguro para ser de forma autêntica, para explorar ideias, contemplar o futuro e ter um lugar para retornar sempre que necessário. Um agradecimento especial à Gal, pelo compartilhar dos delírios. À Teco, pelo seu apoio e sua subversão, pelo olhar (des)atento, pelas risadas que fazem a barriga doer. À Heitor, pela capacidade de fazer qualquer pessoa se sentir ouvida e acolhida, por sua sensibilidade e atenção, pelas experimentações e pela criação de um espaço mútuo de conforto. À Ana Lúcia, pela coragem e entusiasmo incomparáveis, por sonhar sonhos tão bonitos e me incluir neles.

Agradeço a todas as muitas pessoas que compõem essa rede de apoio, e em particular aos meus companheiros de batuque. À Marcos Haas por seu constante apoio e incentivo no mundo das pesquisas e editais, por sua orientação valiosa, e pelas inúmeras trocas que tivemos ao longo desse curso. À Maré, agradeço pela parceria, pela presença constante e por todo o apoio no desenrolar desse estudo. Ao Rei Rychard, pelo seu cuidado e sabedoria. A Matheus, por nunca levar nada muito a sério, e, por fim, a Lucas, por todo o carinho que compartilhamos.

Agradeço também a Donna Haraway pelo seu trabalho, por me emprestar suas palavras e tornar essa pesquisa possível.

SUMÁRIO

| | |
|-----------------------------|----|
| Prólogo | 11 |
| Saberes localizados | 19 |
| A marca de Caim | 27 |
| Interface Tatuagem-Ciborgue | 31 |
| Gênero | 35 |
| Tecnologia | 38 |
| Cultura | 40 |
| Classe | 45 |
| Epílogo | 49 |
| REFERÊNCIAS | 55 |

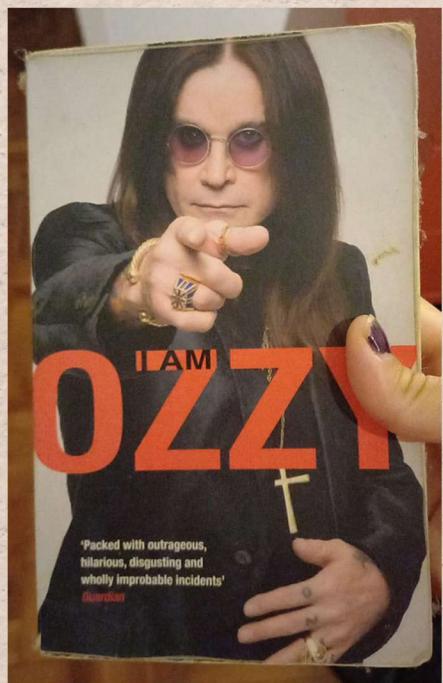


PRÓLOGO

Sempre nutri certa admiração por pessoas tatuadas e tatuadoras, no entanto, achava este um universo distante, intangível. Fui introduzida nessa linguagem artística durante a minha formação no curso de Artes Visuais.

Em uma visita ao apartamento de Ana Lúcia, foi mencionado algo que ela havia lido em uma biografia sobre Ozzy Osbourne, onde o cantor havia se auto tatuado durante um período de prisão usando agulhas de costura.

Isso acendeu uma faísca no grupo de amigos que estava presente e, naquele dia, perfuramos as peles uns dos outros utilizando o mesmo método; A tinta era nanquim e as agulhas de costura foram presas a um lápis.



Capa do livro *I am Ozzy*. Fotografada por Ana Lúcia (2023).



Auto-tatuagem recém feita por Ana Lúcia ao lado dos materiais utilizados. Autorretrato (2018).

A Tatuagem que Teco fez em mim nesse dia segue até hoje, sendo uma das minhas preferidas, pois carrega a lembrança do meu primeiro contato com a ideia de me tornar uma tatuadora, e de que esse era um universo possível para mim.

Todo mundo que tinha alguma afinidade com desenho ali queria experienciar a tatuagem, e foi no mesmo período em que a gente tava tendo aula com o Romero de Body Art [...]. A experiência mais próxima e mais fácil que a gente teria ali era tatuagem [...]. Fazer com agulha mostrava, tipo, a praticidade também que se tinha de conseguir fazer uma marcação no corpo [...]. Pra além do que é legitimado por uma questão de segurança (obviamente não tô desconsiderando isso), mas que ali teria [...] outro tipo de experiência, [...] uma coisa que surgiu assim de uma hora pra outra e que, por mais que tenha surgido de uma forma muito fugaz, seria alguma coisa que ficaria marcada de fato tá ligado? Então tem uma poesia também de como surgiu a coisa (Trecho de diálogo com Teco, agosto de 2023)².



Tatuagem que Teco fez em mim, já completamente cicatrizada. Fotografada por Abel (2023).

²Os vícios de linguagem foram retirados dos trechos de diálogos para melhor fluência na leitura.

Comecei a pesquisar sobre o tema pouco tempo depois e recebi de presente de Duda, uma máquina de bobina de segunda mão. Ele me contou que ganhou esta máquina também de outro tatuador quando estava começando sua própria trajetória nesta profissão. Esse gesto abriu portas para que eu começasse a riscar os meus amigos e parentes mais corajosos.

Recordo a primeira Tatuagem que realizei com o auxílio deste equipamento. Gal e eu já havíamos conversado sobre a ideia de realizar uma Tatuagem há algum tempo, até o dia em que ela me convidou para sua casa e eu levei os materiais.



Primeiro contato com a máquina. Fotografado por Heitor (2019).

Com Gal apoiada em um pufe, eu pude experienciar as vibrações da máquina barulhenta, não conhecia os métodos certos de tatuar, testei riscar linhas com forças, velocidades, profundidades, quantidades de tinta e regulagens diferentes, riscando na tentativa de criar linhas contínuas em um *freehand* arriscado.

Acho que é massa ter esses riscos, né? Para também compor a nossa história e ter ali o negócio marcado na pele. Acho que sempre funcionou assim as minhas tatuagens, elas marcam coisas temporais [...]. Eu não tinha muito uma ideia do que eu queria tatuar [...], fiz, eu acho, um protótipo assim, mais ou menos da ideia que eu queria, e tu foi lá e meteu bala assim, foi super rápido. Não lembro de ter sido algo dolorido; foi mais um... foi quase uma performance, né? No fim das contas, foi algo assim, uma pira que a gente só foi e fez, assim, não foi tanto algo elaborado assim, e eu gosto dessas coisas [...]. Tenho muito carinho, assim, por essa tattoo [...]. Acho massa quando a gente vai propor outras experiências visuais e aí também corporais, que criam esses vários diálogos com vários pontos da nossa vida (Trecho de diálogo com Gal, agosto de 2023).



Tatuagem de Gal recém finalizada. Fotografada por Amarelo (2019).

Enquanto realizávamos nosso projeto, nós estávamos em sintonia e sentíamos essa pulsão instigadora em relação ao desejo de realizar uma Tatuagem orgânica e efêmera em momento, refletindo a própria natureza do acontecimento em si e a coragem de ambas as partes.

Minha prática na Tatuagem emergiu neste momento de experimentações e irreverências anárquicas em busca de sentido, de autonomia, de ser atravessado e também de atravessá-las, já que “O sujeito da experiência tem algo desse ser fascinante que se expõe atravessando um espaço indeterminado e perigoso, pondo-se nele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião” (Bondía, 2002, p. 25). Vi nessa linguagem um propósito além de um movimento identitário, de coragem e de ser radicalmente vivo.

Desde então, venho me deliciando com essa linguagem, com a pesquisa, o aprendizado, as nuances e os desafios que a arte de marcação corporal me trouxe. Assim, pretendo me debruçar ainda mais nesse estudo a fim de investigar a arte da Tatuagem sob a perspectiva do *Manifesto Ciborgue*, e para tal, é preciso falar sobre Donna J. Haraway.

Haraway é uma filósofa, bióloga e pesquisadora. Auto-declarada como sendo uma ciborgue³, é uma das precursoras do ciberfeminismo e o seu trabalho é relevante devido às contribuições que fez para diversas áreas do conhecimento como Filosofia, Primatologia, Tecnociência, Estudos Pós-Coloniais, Feminismo, entre outros.

Entrei em contato com os escritos de Donna Haraway através de Kathy que me recomendou a leitura da *Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano* (2009), uma coletânea de estudos que exploram o ensaio crítico no qual a escritora questiona a relação dos humanos com a natureza e a tecnologia, o *Manifesto Ciborgue*. Redefinindo o conceito de ciborgue e contestando os discursos naturalistas, Haraway desenvolve um trabalho que é fiel ao feminismo, ao socialismo e ao materialismo, como aponta a autora.

Por consumir conteúdos relacionados ao futurismo e a ficção científica, a ideia de ciborgues me atraía por si só. O título desse manifesto me soava encantador e revolucionário. Foi quando pesquisei uma foto da autora e me deparei com uma senhora simpática sentada ao lado do seu cachorro, que ficou claro para mim: O ser biônico a que Haraway se referia não era nenhuma espécie de mulher máquina cheia de fios e teclas; o seu ensaio não era algo distante e inalcançável e não se tratava de uma fábula de ficção científica, mas sim de uma nova forma de olhar e de se conectar com o mundo. Assim como a Tatuagem se tornou um universo palpável para mim, a escrita de Haraway passava a transpassar as minhas vivências.

Se de início este ensaio era algum tipo de conjectura acerca de um futuro, logo tive a percepção de que o ensaio crítico decorria sobre o tempo presente e sobre subjetividades com as quais eu me identificava. Percebi que Haraway abria horizontes e explorava fronteiras que eu jamais pensei serem possíveis, até que tudo se tornou perfeitamente claro e lógico. Quanto mais pesquisava sobre o assunto, mais me encantava e sigo envolvida pela curiosidade de explorar o universo a partir da perspectiva de ser ciborgue.

³O termo "ciborgue" refere-se a um ser humano ou a um ser que se assemelha à forma humana, cujos processos biológicos são alterados ou substituídos por meios eletrônicos. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ciborgue>. Acesso em: 04/09/2023.

O ensaio organiza e entende a infinitude de subjetividades em que vivemos sem diminuir as especificidades de cada indivíduo, sem gerar cisões e dicotomias, pelo contrário, encarando o mundo de forma consciente e irônica.

O tema dessa pesquisa é significativo para mim porque me considero como uma extensão do manifesto de Haraway. É por meio deste trabalho e com base no que a escritora propõe que pretendo me apropriar de forma ilegítima do que ela escreveu para aprofundar o meu campo de estudo em uma linguagem artística que me interessa: a Tatuagem. A pesquisa em questão situa um desdobramento que tensiona o entender dessa linguagem, estimulando a ideia de que, sem dúvida, ela é uma manifestação artística legítima e sem limites.



Donna Haraway ciborgue.
Ilustração por Amarelo (2023).

Para evitar o uso de termos guarda-chuva como *modificação corporal* e *arte corporal*, uso Tatuagem aqui com o T maiúsculo. Isso ocorre porque tenho ela como uma linguagem para além de uma técnica, trata-se de uma manifestação artística, em que o suporte é a pele e o produto é uma cicatriz permanente. A partir das reflexões do *Manifesto Ciborgue* (2009a) surge essa pesquisa como uma forma de agregar a um campo de Arte que pensa a Tatuagem enquanto dispositivo, linguagem e território de experimentação conceitual pela Antropologia do Ciborgue (2009a).

Pretendo explorar as intersecções entre o ensaio de Haraway e esse dispositivo de modificações corporais. Nessa abordagem, o corpo tatuado é visto como um corpo que representa a quintessência da tecnologia, proporcionando uma análise profunda da relação da Tatuagem com a pele, a moralidade, a organicidade, os papéis de gênero e outras questões levantadas pelo *Manifesto Ciborgue* (2009a).

Além disso, abordarei aspectos sociais da Tatuagem através dos quais pretendo desafiar os preconceitos em relação ao que é considerado natural, entendendo a Tatuagem como parte da pele e como uma expressão natural da intersecção Homem-Máquina.

Com base na análise das características técnico-orgânicas da Tatuagem, entre outros aspectos, este trabalho apresenta alguns aspectos da minha prática como tatuadora, e discute a contemporaneidade das formações artísticas, focando nas práticas dessa linguagem milenar de marcação corporal no campo das Artes Visuais.

Essas reflexões serão embasadas através dos métodos bibliográfico, e dos saberes localizados. Assim, minhas escolhas metodológicas foram pautadas a partir do local em que ocupo enquanto artista, tatuadora, pessoa não-binária e ciborgue. O método será progressivamente desenvolvido ao longo da pesquisa através do acompanhamento dos processos de elaboração, em que a Arte se torna uma ferramenta para investigação, coleta e produção de dados.

Desse ponto de vista, minha abordagem conta com a produção de imagens e registros de campo, como ilustrações, depoimentos, fotografias de trabalhos concluídos e de processos criativos. Pensando em como a marcação corporal altera o corpo, irei investigar a interação entre a máquina de Tatuagem e o maior órgão do corpo humano, a pele. Pretende-se trazer tatuagens, experimentações e narrativas pessoais a fim de criar um diálogo visual com Haraway e localizar aqui alguns pontos em que vi o meu percurso ser atravessado pela *Antropologia do Ciborgue* (2009).

Para tal, utilizo memórias específicas, das quais irromperam conexões ao longo do meu processo de pesquisa ao passo que também exploro minhas inspirações e utopias. Com o apoio de imagens e relatos complementares, ilustro como o *Manifesto Ciborgue* (2009a) dialoga com minha trajetória artística, amplia o meu horizonte imaginativo e promove uma reflexão acerca da minha produção.

Esta pesquisa foge do tradicional e se propõe a abrir um novo campo de estudo. Ela posiciona a arte da Tatuagem em um local no qual ela pode ser explorada, pesquisada e experienciada ao mesmo tempo que também é discutida a potência do impacto que o conceito de ciborgue de Donna Haraway pode ter para campo da Arte.



Tatuagens feitas por Amarelo (2023)

SABRES LOCALIZADOS

Comecei minha pesquisa a partir de um levantamento bibliográfico. Para além da obra de Donna Haraway, analisei diversos artigos, ensaios e periódicos. Foram utilizados os seguintes descritores: Tatuagem; Cicatrizes; Corpo; Ciborgue; Máquina; Natural; entre outros.

Ao explorar as publicações feitas na ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes), me deparei com uma descoberta relevante. Durante o levantamento dos periódicos de Artes Visuais de 2019-2020, não consegui encontrar nenhum estudo diretamente relacionado à arte da Tatuagem. No entanto, observei pontos de interesse no ensaio *Tecnoperformance / Gestos Indomesticados: ações para desdomesticar o corpo* (Oliveira, Magalhães, Bemvenuto, 2021), que contém trechos acerca da quebra de dicotomias entre homem e máquina.



Tecnauta inspirado pelo livro Shadowrun
2ªed. Ilustração de Amarelo (2023).

Também utilizei as mesmas palavras chaves no Google Acadêmico para levantar dados de outros autores, tornando a pesquisa mais completa. No artigo *Estéticas do corpo: técnicas de modificação corporal* (Goreonder, 2008) encontrei um trecho em que a autora se refere diretamente a Haraway para debater as dicotomias entre corpo natural e corpo construído. Já no artigo *Corpos Tatuados: desejo de memória em completude* (Pereira; Rabinovich, 2020) são apresentados dados relevantes no que diz respeito a tatuagens em corpos envelhecidos e ao culto à beleza. Por fim, no ensaio *Modificações corporais: Nas bordas do espanto, nas margens do estranho* (Couy, 2011) são discutidos aspectos identitários, históricos e sociais da Tatuagem.

Além dos periódicos da ANPAP e do Google Acadêmico, encontrei um arquivo compartilhado no site Scribd que foi útil no desenvolver desta pesquisa. A publicação *Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma* (Lise; Gauer; Neto, 2013), aborda diversos tópicos relevantes, tais como a Tatuagem como manifestação cultural, a história da Tatuagem em povos indígenas e a sua introdução no Brasil, além de uma análise acerca da presença da Tatuagem em um trecho da bíblia cristã.

Foi bom me debruçar sobre os periódicos e tentar descobrir se haveria outras pesquisas parecidas com a minha, alguém no mundo que compartilhasse dos meus interesses e se debruçasse sobre eles. No entanto, não achei os resultados desse levantamento satisfatórios, não encontrei escritos que relacionassem o trabalho de Donna Haraway diretamente com o campo da Arte. Percebi também que há certa escassez de trabalhos acerca da arte da Tatuagem que não sejam voltados majoritariamente para questões de memória e identidade.

Durante a pesquisa, outras leituras surgiram, incluindo textos que me vieram à memória, foram recomendados por outras pessoas ou até mesmo surgiram inesperadamente, como se fossem pop-ups na tela do meu computador. Conversas de mesa de bar não foram descartadas, me apoiei nos insights obtidos, nas trocas cotidianas, em anotações de cadernos antigos e nos saberes que acumulei ao longo de minhas formações, entre outras fontes de pesquisa.

INACABAMENTO

CONCEITO MOBILIZADO PARA CONCEBER TANTO AS PESSOAS QUANTO AS OBRAS DE ARTE COMO NÃO ACABADAS. O QUE EXIGE A PARTICIPAÇÃO DE UM OUTRO.

O QUE É POR NATUREZA INCOMPLETO E PERMANECERÁ ASSIM. O QUE SEMPRE PRESSUPÔE E POSSIBILITA A AFÃO DO OUTRO. O QUE NÃO ACABA

INCONCLUSIVIDADE

O QUE NÃO SE PODE CONCLUIR. O QUE NÃO TEM UM SENTIDO ÚNICO. O QUE

PERMANECE COM SEUS SENTIDOS EM ABERTO. O QUE SE PARECE COM OUTRA COISA: É ISSO E É AQUILO; E' O MESMO E É O OUTRO. O QUE NÃO SE FECHA. O QUE NÃO ACABA.

EXPERIMENTAÇÃO

O QUE PARTE DE UM NÃO SABER. O QUE SE FAZ DE OUTRO JEITO PORQUE NÃO TEM JEITO CERTO. O QUE ABRE O SUJEITO PARA UM NOVO SABER. O QUE TESTA NOVAS HIPÓTESES. O QUE MARCA O SUJEITO PARA SEMPRE.

Nesse processo, foi difícil delimitar objetivos e metodologia: quem sou eu; quais são os meus interesses; sobre o que eu quero falar ; onde posso contribuir; o que é relevante enquanto Arte e enquanto Ciência. Vi um desafio nessa localização de um eu capaz e determinado a transcrever minhas ideias, passando por cima de todas as inseguranças e as faltas de sentido que encontro na vida.

Entendendo a formulação sincrônica do eu-pesquisador e do eu-pesquisa, a posição do meu eu aqui presente resiste a uma fusão com o pensamento de Haraway e faz movimentos de autoconhecimento necessários para uma boa estratégia de posicionamento. Uma vez que "o eu cognoscente é parcial em todas as suas formas, nunca acabado, completo, dado ou original, é sempre construído e alinhavado de maneira imperfeita e, portanto, capaz de juntar-se a outro, de ver junto sem pretender ser outro" (Haraway, 2009b, e p. 26).

Retirei esta citação de *Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial*, livro em que Haraway levanta a questão da objetividade, que costuma ser cobrada em ambientes acadêmicos - "sociedades científicas e tecnológicas, pós-industriais, militarizadas, racistas e dominadas pelos homens" (Haraway, 2009b, p. 18).

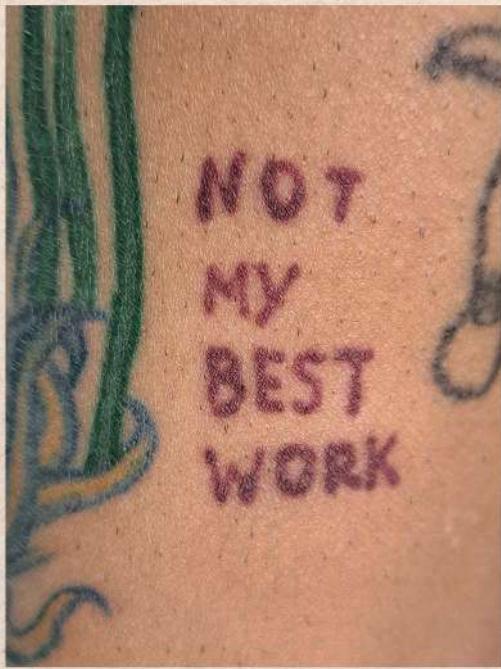
Haraway é perspicaz e irônica; parece sempre brincar com as minhas linhas de pensamento. Ler suas obras é um alívio diante das exigências convencionais, além de um convite e validação para não ceder às demandas do academicismo tradicional e abandonar as ilusões de objetividade acadêmica.

Haraway argumenta que, ao adotar uma perspectiva parcial dotada de olhos, corpo e lugar no mundo, estamos, na verdade, construindo uma ciência intrinsecamente feminista. O que é válido de ser pesquisado não deve ser ditado pelas estruturas de poder. Sinto-me legitimada por isso ao escrever aqui como um ser ciberorgânico que tem uma afetividade especial pelo campo da Tatuagem. Desenvolvo o meu método com foco em experiências minhas de vida, não em conhecimentos objetivos, formais, encaixotados e dotados de uma racionalidade com a qual não me identifico.

Busco a objetividade e a racionalidade aqui apenas como uma espécie de visão posicionada, onde através dos meus olhos ciborgues - e isso diz tanto sobre a forma como percebo o mundo quanto sobre minha recente cirurgia a laser nos olhos - pretendo apresentar uma produção visual parcial e livre, que se constrói através das trocas, dos caminhos, dos tempos e dos corpos que permeiam esta pesquisa.

Aqui, vou explorar possibilidades visuais e semânticas altamente específicas. Sinto que essa pesquisa desafia as normas eruditas e furtar seus espaços e olhos atentos. Utilizo-me dela como uma ferramenta de resistência ao academicismo obcecado e dou espaço para uma apavorante folha em branco procurando libertar-me de inscrições sociais. Esse método de pesquisa é relevante para a construção de um conhecimento acadêmico menos organizado por eixos de dominação.





Tatuagem "Not my best work" feita pela artista tatuadora e retocada por Teco. Fotografada por Abel (2023).

Haraway me convidou a produzir a ciência através dos saberes localizados:

a questão da ciência para o feminismo diz respeito à objetividade como racionalidade posicionada. Suas imagens não são produtos da escapatória ou da transcendência de limites, isto é, visões de cima, mas sim a junção de visões parciais e de vozes vacilantes numa posição coletiva de sujeito que promete uma visão de meios de corporificação finita continuada, de viver dentro de limites e contradições, isto é, visões desde algum lugar (HARAWAY, 2009b).

Minha abordagem se desenvolve como uma resistência à objetividade científica descorporificada e à ciência enviesada e hostil. Além disso, reconheço a "contestabilidade de todas as camadas da cebola das construções científicas" (HARAWAY, 2009b p.13), o que motiva a elaboração da minha pesquisa. Nesse sentido, aprovo-me do termo *cartografia* e encontro inspiração nos Saberes Localizados, construindo um método que dialoga não apenas com as concepções de Haraway, mas também com minha própria abordagem.

Assim, pretendo criar novas narrativas utilizando as Tatuagens como pontos de partida, objeto e caminho da pesquisa, focando na trajetória de construção de conhecimentos em vez da formulação de conclusões. Nesse sentido, encontro inspiração nos saberes localizados, construindo um método no qual, à medida que dialogo com os corpos, apresento o processo de criação entrelaçado com as concepções de Haraway e minha própria abordagem.

Responsabilizo-me pelas práticas visuais incluídas aqui nesta pesquisa sem me isentar ou tentar qualquer inocência diante de mim mesma e do mundo. É a partir de trocas e encontros cotidianos que me vejo enquanto indivíduo ativo, construindo traduções e significados no meu caminhar, pois "a alternativa ao relativismo são saberes parciais, localizáveis, críticos, apoiados na possibilidade de redes de conexão, chamadas de solidariedade em política e de conversas compartilhadas em epistemologia" (Haraway, p. 23, 2009b). Trago na minha pesquisa um mapeamento de corpos, dos corpos que eu tatuei, do meu corpo, e dos corpos que atravessam este estudo.

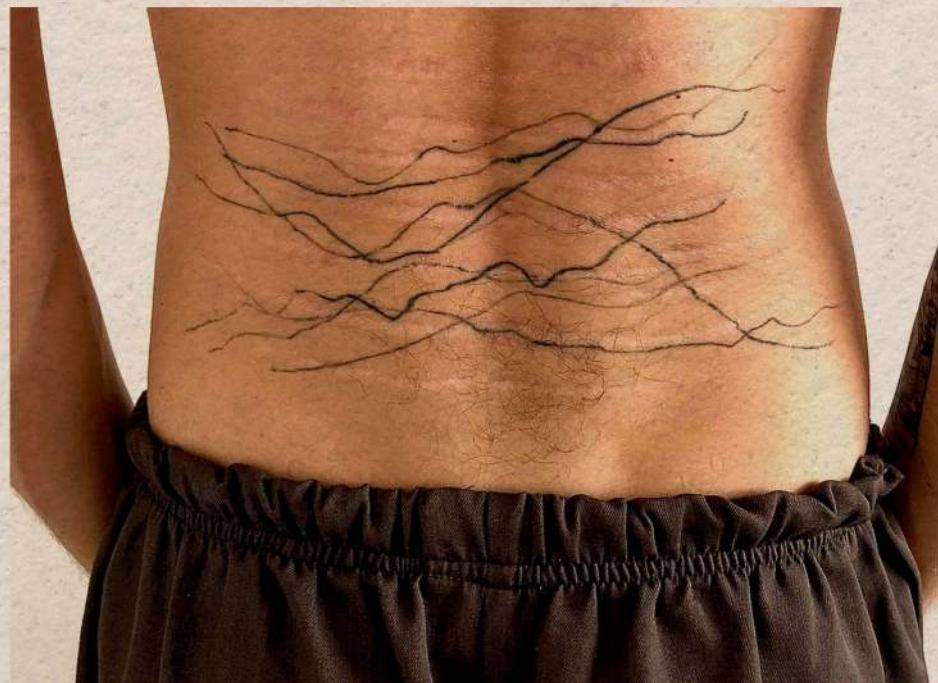
"O feminismo ama outra ciência: a ciência e a política da interpretação, da tradução, do gaguejar e do parcialmente compreendido" (Haraway, p.31, 2009b) e nesse sentido, a forma de produzir ciência proposta por Haraway me acolhe e me dá a segurança que preciso para pesquisar me sentindo contemplada pelos resultados, ou pela falta de resultados desta pesquisa.

Neste estudo, as tatuagens e as minhas experiências como pessoa tatuada, tatuadora, não binária, integrada, modificada e com um forte interesse por utopias e pela ficção científica serão colocadas como protagonistas, não como um recurso limitado por minha própria identidade. Pretendo que as linhas traçadas na pele sejam agentes com autoridade, retirando-as da posição de objetos inertes de estudo.

A MARCA DE CAIM

Em nossa performance, eu e Gal criamos possibilidades locais, incertas, íntimas. Acredito que o corpo que escolhe ser tatuado por mim é um corpo que se sujeita à experiência, o que significa “que esse algo nos atropela, nos vem ao encontro, chega até nós, nos avassala e transforma” (Heidegger, 1987, p. 121), esse sujeito da experiência se expõe e faz saltos de confiança.

Isso foi especialmente verdadeiro nos primeiros corpos conscientes que me deram a oportunidade de tatuar suas peles, quando o resultado não era garantido e talvez tenham sido motivados pela gratuidade do serviço, pelos delírios pessoais de cada um ou, gosto de acreditar, pela vontade de eternizar a simplicidade, o momento, e gravar na pele a forma como transitam pelo mundo sem se preocupar com a busca pela perfeição, deixando esses esforços para os guardiões da pureza humana.



Tatuagem de Gal atualmente. Autorretrato (2023).

Segundo Pereira e Rabinovich (2020, p. 4), “desde tempos muito remotos, pessoas imprimem pinturas e símbolos em seus corpos, e a tatuagem como inscrição no corpo não é um fenômeno novo ou advento dos nossos dias”, possuindo registros datados de, pelo menos, 5,2 mil anos atrás. Esta linguagem vem cruzando fronteiras culturais, sociais e geográficas há tanto tempo e hoje em dia se encontra com a Arte Contemporânea, a fim de gerar novos propósitos e sentidos, criando uma forma única de expressão artística que incorpora todas essas influências e narrativas. Esse encontro entre a Tatuagem e a Arte Contemporânea revela uma conexão profunda entre o desejo de eternizar a experiência humana e a riqueza cultural que se inscreveu em corpos ao longo da história.

Le Breton (2003, p. 34) em *Adeus ao Corpo*, afirma que “A tatuagem é um sinal visível inscrito na própria pele graças à injeção de um material colorido na derme”. Através dessa definição, podemos compreender a vastidão do que é considerado Tatuagem. Essa abrangência é positiva e nos permite vislumbrar a amplitude de possibilidades que a essa linguagem apresenta para um artista. A Tatuagem, enquanto projeto conceitual, conecta uma amplitude de culturas, gerações e motivações - sejam elas estéticas, religiosas, ritualísticas, sociais ou identitárias.

Assim como ocorre em qualquer outra linguagem na contemporaneidade, pode-se testemunhar uma variedade de manifestações da Tatuagem que desafiam a noção de que ela se trata apenas da transferência de uma ilustração para a pele. Alguns exemplos incluem *site-specifics*, performances que exploram a Tatuagem, *hyperlinks* marcados na pele através de *QR codes*, Tatuagens que compõem *frames* de animações, entre uma incontável variedade de abordagens criativas.

4/76 *Frames* de uma animação realizada por Phil Berge. Prints por Amarelo (2023).



A riqueza cultural da história da Tatuagem é um tema que não pretendo aprofundar aqui. Basta dizer que ela acompanha os movimentos da pele humana em suas mais diversas manifestações culturais e busca de sentido, registrando eternamente no corpo o momento em que foram feitas:

o ser humano vê o mundo pelo prisma da cultura, variável de sociedade para sociedade, de grupo para grupo, de tempo para tempo. O corpo sempre foi palco de manifestações culturais. [...] e tatuagens são opções de que as culturas dispõem para registrar, no corpo, o imaginário que as constituem, no tempo e no espaço (Lise; Gauer; Neto, 2013, p. 295).

Na história da cultura, a Tatuagem foi interpretada das mais diversas formas. Em alguns momentos ela ocupou espaços ritualísticos e artísticos, carregando significados profundos e culturais. Em outros momentos foi vista como uma simples expressão pagã, como um pecado, como uma marca perversa de selvageria. Além disso, a Tatuagem teve diferentes estatutos sociais, sendo proibida, usada para transmitir informações, popularizada ou associada à expressão erótica. “Para Lombroso Lacassagne nos anos da virada do século XIX para XX não havia dúvida que os indivíduos tatuados fossem *selvagens*, ou seja, ao seus olhos, homens menores, pouco civilizados e propensos a todas as formas de delinquência” (Le Breton, 2003, p. 35).

Ainda assim, a Tatuagem costuma ser alvo dos mais diversos preconceitos,

interrogam, por meio de sua visibilidade (e, em muitos casos, de sua irreversibilidade) as margens do corpo, os limites do suportável, do aceitável e colocam em questão a norma, a ordem corporal vigente, os imaginários da retidão, da ‘boa aparência’, da autenticidade, da perfeição, os imaginários identitários (Cousy, 2011, p. 233).

Esses preconceitos que acompanham a história da Tatuagem também atravessam essa linguagem e geram novos significados de irreverência, ativismo, exclusão social e identificações grupais.

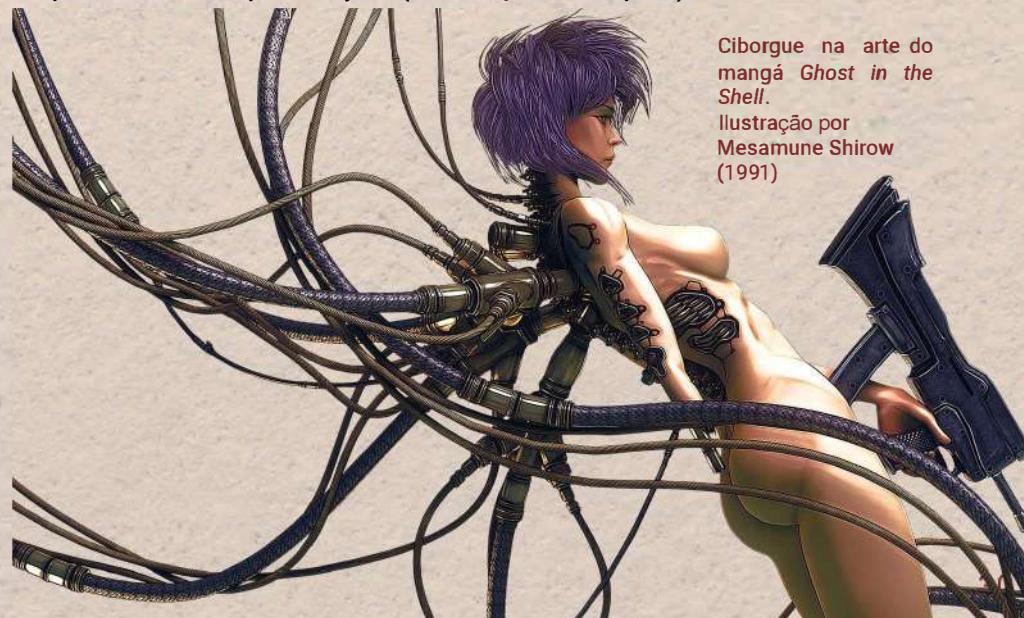
A Tatuagem tem sido amplamente utilizada, nos dias atuais, tendo atingido índices de destaque, em relação a outros momentos históricos. Uma das explicações para o renascimento da tatuagem, no panorama ocidental, é o seu resgate, por grupos jovens, nos meados de 1980, especialmente punks, para expressar seu inconformismo perante a sociedade (Lise; Gauer; Neto, 2013, p. 301).

Estendo-me para além dessa afirmação para lançar um olhar sobre a Tatuagem contemporânea não como renascimento, mas como renovação, apropriando-se desta linguagem, criamos nossos próprios sentidos, não com o propósito de negar tudo o que veio antes e, tampouco, em uma adoração nostálgica de épocas que não vivemos, somos filhos bastardos do nosso passado.

O corpo que segue a fábula da *naturalidade* de seres não marcados pela cultura são endossados pelas culturas ocidentais, pelas normas sociais e pelas religiões que acreditam que o corpo, por ter sido criado por Deus, não pode ser alterado.

Na tradição cristã, Deus marcou a face de Caim, e assim fechou o corpo dele, tornando-o invencível e também, ousa dizer, um ciborgue: “Deus tatuou Caim, o primeiro ‘pecador’, porém com essa marca também o protegeu de qualquer vingança. Se o Senhor imprimiu uma marca ao pecador, o homem não pode, ele mesmo, tatuar-se [...], como adverte o Levítico” (Lise; Gauer; Neto; 2013, p. 303).

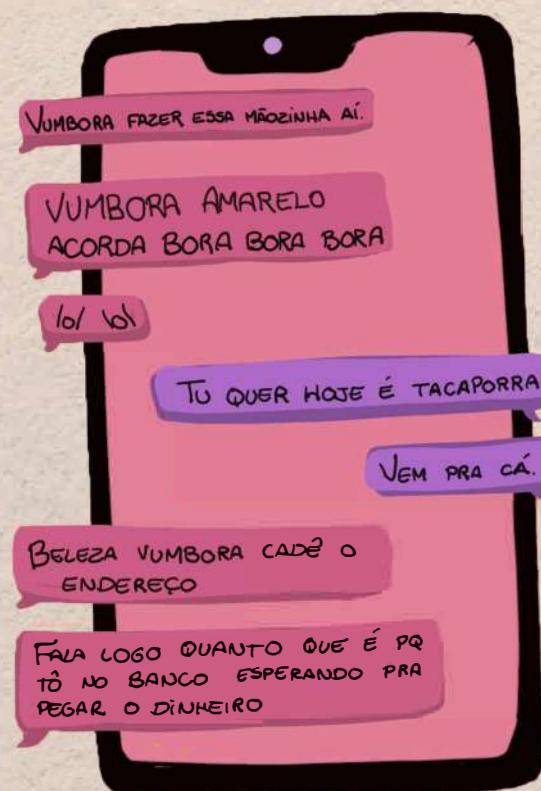
Essa pretensa integridade de objetos *naturais* são estratégias de controle que se dão a partir do reforço das fronteiras das dicotomias - o ciborgue não é reverente a esses binarismos, pois trata-se de uma figura naturalmente impura, a partir dele “o intenso prazer na habilidade – na habilidade da máquina – deixa de ser um pecado para constituir um aspecto do processo de corporificação” (Haraway, 2009a, p.96).



Ciborgue na arte do mangá *Ghost in the Shell*. Ilustração por Mesamune Shirow (1991)

INTERFACE TATUAGEM-CIBORGUE

A história da Tatuagem de Drika, uma das quais explorarei neste capítulo, ilustra como o conceito de ciborgue pode se manifestar de maneira espontânea e diversa em nossas vidas cotidianas. Essa história surgiu sem extensas discussões sobre as simbologias envolvidas no projeto, a arte fazia parte de um catálogo de *flashes* (artes autorais) que eu compartilhei em meu perfil no Instagram durante a noite. Na manhã seguinte, recebi uma série de mensagens de Drika e, em poucas horas, nos encontramos no estúdio. "Foi espontâneo demais" (Trecho de diálogo com Drika, agosto de 2023).



Agendamento de Drika.
Produção artística
autoral por Amarelo
(2023).

As motivações para marcar o corpo com tatuagens surgem de diversos lugares. Observo que, as preocupações de um corpo ainda não marcado pela tinta costumam estar centradas em um forte apego ao imperativo de fazer sentido. Por outro lado, nos corpos mais tatuados, o movimento de fazer novas Tatuagens geralmente está relacionada à uma identificação com a Arte ou com a Estética, o que resulta em um desapego maior em relação aos signos dos desenhos.

No artigo de Pereira e Rabinovich, as autoras se utilizam de estudos que sugerem que "o desejo se faz origem como busca de algo que falta, a partir da experiência de satisfação do sujeito" (2008, p. 12). Talvez eu não queira enxergar a Tatuagem como uma ausência que, ao ser realizada, deixa de existir. Eu optaria por perceber isso como a realização satisfatória de um desejo de intervenção e modificação em algo que é inteiro, completo, e, consequentemente, tornando-o mais ciborgue.

Antes de prosseguir, é preciso delinear o que entendo quando me refiro a esses supostos seres meio-humanos, meio-máquinas. Devo esclarecer que falo aqui de ciborgue como uma interpretação pessoal e apropriação do conceito proposto por Haraway, adaptando-o às minhas próprias reflexões.

Segundo Hari kunzru, para Haraway, somos ciborgues, no sentido de que usamos a tecnologia para aprimorar e ampliar nossas habilidades.

Ser um ciborgue não tem a ver com quantos bits de silício temos sob nossa pele ou com quantas próteses nosso corpo contém. Tem a ver com o fato de Donna Haraway ir à academia de ginástica, observar uma prateleira de alimentos energéticos para bodybuilding, olhar as máquinas para malhação e dar-se conta de que ela está em um lugar que não existiria sem a ideia do corpo como uma máquina de alta performance (Haraway, 2009 a, p. 23)

O ciborgue não é uma criatura mecânica do futuro; ele já habita o presente e é, nas palavras de Haraway, "uma criatura de realidade social e também uma criatura de ficção" (Haraway, 2009a, p. 36). Uma forma de visualizar esse apontamento é considerar que hoje utilizamos celulares como uma extensão quase inseparável dos nossos corpos.

No entanto, muito antes e de forma sutil e minimalista, a tecnologia impacta a vida contemporânea. Como mencionado por Hari Kunzru em *Antropologia do Ciborgue: As vertigens do pós-humano*,

as redes também estão dentro de nós. Nossos corpos, nutridos pelos produtos da grande indústria de produção de alimentos, mantidos em forma sadia – ou doentia – pelas drogas farmacêuticas e alterados pelos procedimentos médicos, não são tão naturais quanto a empresa Body Shop quer nos fazer crer (Haraway, 2009 a, p. 24).

Tenho um forte apego a utopias, não de forma inocente mas objetivando criar possibilidades. Reconheço através da conceituação e ideologia desse hibridismo a existência de "um sistema de mito, esperando tornar-se uma linguagem política que se possa constituir na base de uma forma de ver a ciência e a tecnologia e de contestar a informática da dominação – a fim de poder agir de forma potente" (Haraway, 2009a, p. 98).

É preciso salientar que as minhas utopias, imbebidas na Antropologia do Ciborgue, não são apresentadas aqui com a intenção de fornecer respostas conclusivas. Nesse mito político, tais indivíduos (ciber)construídos estão mais interessados em questionar limites do que em dar soluções abrangentes: "não existe nenhum impulso nos ciborgues para a produção de uma teoria total; o que existe é uma experiência íntima sobre fronteiras – sobre sua construção e desconstrução" (Haraway, 2009a, p.98).

O uso das ferramentas e da máquina de Tatuagem, para modificar o corpo humano, fazem dessa linguagem um dispositivo biomecânico. Assim, a Tatuagem emerge como uma expressão da identidade não-binária, representando o hibridismo entre máquina e organismo. Isso confunde as fronteiras e se equilibra na linha - já tênue - entre o natural e o artificial.

O uso dessa linguagem envolve um procedimento tecno-orgânico que utiliza dispositivos para depositar pigmentos na derme humana. Esse processo ativa as reações naturais de defesa do corpo, que enviam células para realizar a fagocitose e impedir que o pigmento se espalhe. Durante o mês que se segue, a pele passa por um processo de inflamação, reconstruindo a camada basal e expulsando as partículas de tinta restantes. Assim, a Tatuagem se torna parte da pele de forma definitiva e irreversível - a não ser a partir de outra operação tecno-orgânica, a remoção através do laser.

O suporte, apesar de renovar-se intensamente, pois a reposição celular é constante, não absorve os pigmentos devido ao fato destes se encontrarem na derme, segunda camada da pele, no interior dos fibroblastos. E cada um deles é circundado por uma rede proeminente de tecido conjuntivo que prende e imobiliza a célula (Bitarello, 2009, p. 290).



Esquema de pigmentação da Tatuagem. Ilustração por Amarelo (2023).

A partir dessa perspectiva, as Tatuagens podem ser vistas como uma entre tantas formas de tecnologia minimalista que utilizamos para alterar a composição dos nossos corpos e expressar nossas identidades.

Os híbridos surgem como uma ruptura com categorias binárias e oposicionais, conforme a perspectiva de Haraway. Portanto, a união entre máquina e organismo na Tatuagem desafia dicotomias tradicionais. Ao considerar nosso corpo biológico como um conjunto de códigos, Haraway apresenta uma proposição política que desloca várias categorias dentro da nossa sociedade tecnocrática. Alguns exemplos disso são evidenciados nos seguintes âmbitos:

GÊNERO

Ciborgues são definidos como “seres que, pela apropriação de características tecnológicas, poderiam ultrapassar os limites de gênero e do Édipo” (Goreonder, 2008, p. 40-41). Ao questionar e desafiar os padrões de gênero, rompendo com a dicotomia entre masculino e feminino, o organismo cibernetico torna evidente que não está restrito às características físicas e genéticas normalmente associadas a grupos específicos. Ele não é preso a identidades fixas, o que possibilita explorações fluídas e não normativas.

A interface entre a tecnologia das tatuagens e a biologia humana permite uma expressão de identidade. Através dessa conexão, as Tatuagens emergem como um transgredir de estereótipos, desafiando normas e expectativas culturais. Elas possuem a capacidade de fortalecer a autoconfiança, permitindo que a expressão de gênero se torne uma forma de empoderamento pessoal.

Logo de cara já me apaixonei pela mãozinha ciborgue [...] e comigo sempre foi assim, na doida né, olha tô afim de fazer uma tatuagem? Bora? Bora. Bora e vamos fazer. Então foi isso, e essa tatuagem em específico, ela foi um desafio pra mim, [...] é uma área muito sensível pra mim, então eu imaginei que nunca ia conseguir fazer uma tatuagem nesta região [...] foi um desafio que eu consegui vencer e desde então, assim, é minha tatuagem favorita [...] eu tenho muito amor por ela por que me fez vencer o medo de fazer uma tatuagem no abdômen, né? E ela valoriza muito o meu (Trecho de diálogo com Drika, agosto de 2023).



Tatuagem de Drika recém finalizada. Fotografada por Amarelo (2021).

A quebra de binarismos por meio da Tatuagem tende a ser subversiva, principalmente nos espaços em que ainda permeia a concepção de que determinados estilos de Tatuagem estão vinculados a corpos específicos. Dessa forma, as tatuagens dos híbridos proporcionam a oportunidade de desafiar as restrições e expectativas tradicionais impostas às pessoas com base em seu genital.



Livro *Tattoo: Tatuagem para meninas*.
Fotografado por Lucas Faustino (2023).

No contexto do ciborgue e suas implicações na compreensão de identidades de gênero, Haraway argumenta que “fomos todas lesadas, profundamente. Precisamos de regeneração, não de renascimento, e as possibilidades para nossa reconstituição incluem o sonho utópico da esperança de um mundo monstruoso, sem gênero” (HARAWAY, 2009a, p. 98). Essa visão questiona as dicotomias tradicionais que têm sido usadas para definir nossos corpos.

O trabalho que fiz com Drika dialoga com a representação de uma mão em que as pontas dos dedos são humanos, e o restante da palma está interligado por fios. “A imagem do ciborgue pode sugerir uma forma de saída do labirinto dos dualismos por meio dos quais temos explicado nossos corpos e nossos instrumentos para nós mesmas” (Haraway, 2009a, p.99). Pode-se notar esses símbolos neste projeto, criando um imaginário na Tatuagem que refletem as características e abordagens únicas do ciborgue, conectando a essa linguagem à uma dimensão mais ampla de construção de significados e narrativas pessoais.

TECNOLOGIA

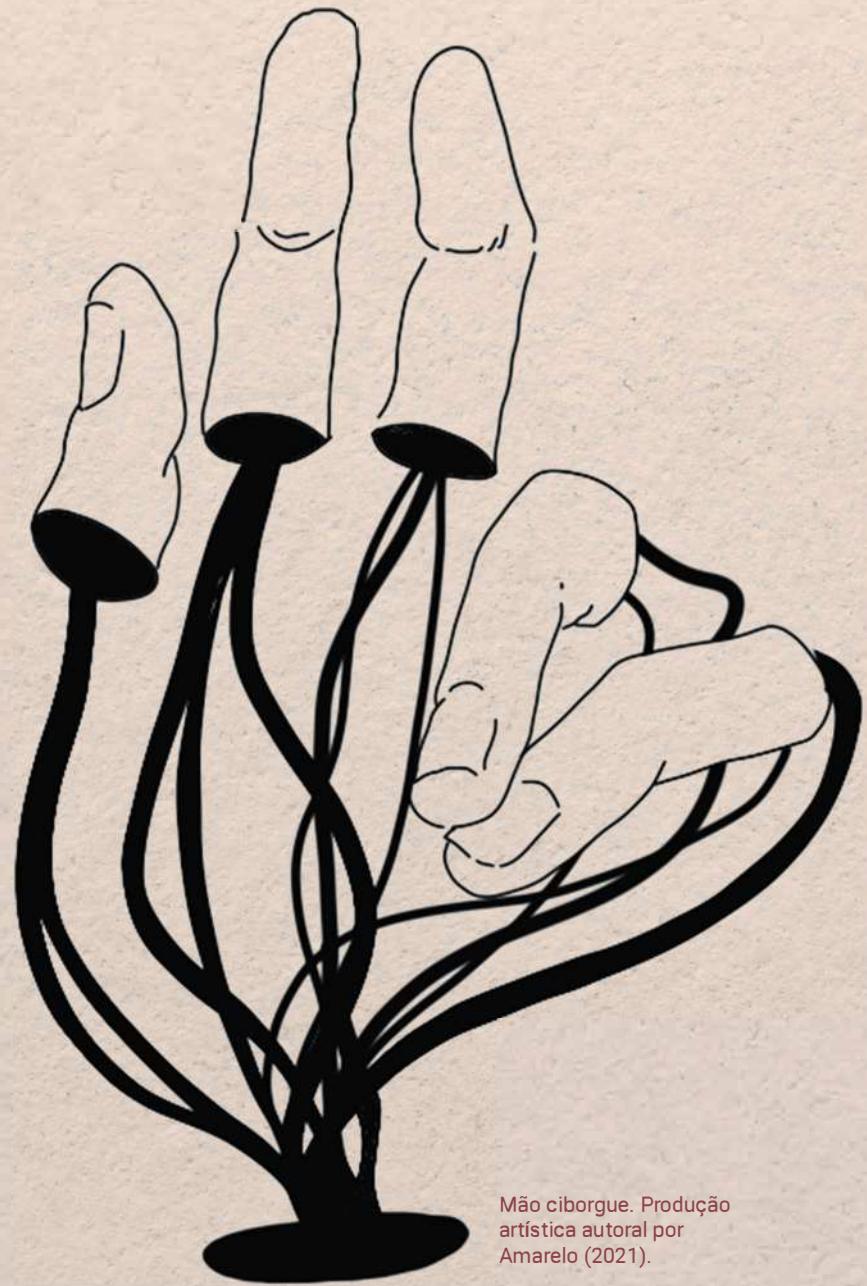
No que diz respeito à separação entre humano e não-humano, sendo “os não-humanos matérias que habitam a casa conosco e também os aparelhos de tecnologia digital com os quais nos relacionamos intensamente para a realização das tecnoperformances” (Oliveira; Magalhães; Bemvenuto, 2021, p. 148), os andróides quebram com a fantasia da “dicotomia entre corpo natural/corpo artificial [...] através de uma desumanização, seja pela aproximação com a ‘natureza animal’ ou pela hibridização com a máquina” (Goreonder, 2008, p. 40-41).

Isso possibilita uma ampliação da capacidade humana de se reconhecer no presente e encontrar uma forma de coabitacão harmoniosa com as modificações corporais e as máquinas que as realizam. No complexo tecido da vida ciber-orgânica, máquinas não são estranhas e sim parceiras conectadas. O ser integrado busca uma coexistência harmoniosa em um mundo entrelaçado de humanos, sociedade, animais, natureza, cultura, tecnologia e ecossistemas.

Assumir a responsabilidade pelas relações sociais da ciência e da tecnologia significa recusar uma metafísica anticiênciam, uma demonologia da tecnologia e, assim, abraçar a habilidosa tarefa de reconstruir as fronteiras da vida cotidiana, em conexão parcial com os outros (Haraway, 2009a, p. 99).

Na Tatuagem que realizei com Drika, consigo visualizar essa interação sendo representada em cada traço, ela se manifesta de forma visual à medida que esse desenho emerge, refletindo também a minha expressão criativa e minha identidade.

Para os ciborgues a imagística corporal é importante - ser corporificado - e a Tatuagem vem de uma vontade de hibridização, de interferência, ou em suma, de ser integrado. Vejo aqui a Tatuagem também como uma segunda pele, uma pele que não nasce conosco, escolhemos nos tornar pessoas tatuadas pois “[...] somos não apenas corpo, mas corpo construído” (Goreonder, 2008, p. 40-41). Esse compromisso ciborgue de alteração no corpo se apresenta aqui como expressões de identidade e simbiose entre o ser humano e a máquina.



Mão ciborgue. Produção artística autoral por Amarelo (2021).

CULTURA

Ao enfatizar a hibridização entre o orgânico e o tecnológico, Haraway nos convida a repensar as dicotomias tradicionais entre natureza e cultura. “Com o ciborgue, a natureza e a cultura são reestruturadas: uma não pode mais ser objeto de apropriação ou de incorporação pela outra” (Haraway, 2009a, p. 39). Ela nos convida a imaginar uma forma de existência em que as Tatuagens não fazem menos parte do nosso corpo do que as células e os tecidos da pele, uma forma de existência que subverte a crença da “[...] existência de um corpo natural, como se fosse possível um corpo humano não marcado pela cultura, pela linguagem” (Goreonder, 2008, p. 40-41).

Ela borra fronteiras exatamente onde a pele costuma ser a divisão entre o que é considerado natural ou máquina, orgânico ou não-orgânico, provocando uma alteração audaciosa neste invólucro. “Por que nossos corpos devem terminar na pele? Por que, na melhor das hipóteses, devemos nos limitar a considerar como corpos, além dos humanos, apenas outros seres também envolvidos pela pele?” (Haraway, 2009a, p. 92).

As primeiras tatuagens são de certa forma um rito de passagem, onde o tatuador acolhe um sujeito-ciborgue, cujo corpo passa a ser marcado pela tinta por um período indefinido de tempo, talvez até mesmo eternamente, como vemos em corpos encontrados em icebergs ou mumificados. Nós, indivíduos ciber-incorporados, estamos conectados a estes corpos também. Assim, “Ao se reconhecer como também tatuado, o sujeito reconhece o que é dele e do outro” (Pereira; Rabinovich, 2020, p. 6).

Descoberta de um corpo tatuado em Ötztal. Fotografada por Paul Hanny (1991). Disponível em:
<https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/repertagem/explicacao-cientifica-para-tatuagens-de-otzi-o-homem-de-gelo.phtml>. Acesso em: 01/09/2023.



Tive um processo bastante orgânico ao colaborar na criação da primeira Tatuagem de Heitor, conforme sua narrativa:

Achei um processo fluido e foi minha primeira experiência fazendo tatuagem [...]. Foi um rolê muito espontâneo também, sabe? A gente tinha falado em fazer já. Mas foi meio que num dia que vamo fazer agora [...]. E eu achei que esse valor de espontaneidade, assim, enquanto um registro subjetivo de um momento também, quase como que uma fotografia que você cola na pele, assim, só que diferente, claro, mas enfim, na minha cabeça tem alguma relação com a memória assim. E eu acho que também no momento que a gente fez, foi um conjunto de experiências que a gente tava tendo, assim, de experimentações que a gente fazia junto, assim, e desde o ponto de vista artístico, até criativo, de modo geral, enfim, até social também, né?(Trecho de diálogo com Heitor, agosto de 2023).

Há um “frenesi diante da metamorfose que é a tatuagem, que não assusta nem aterroriza quem é atravessado” (Couy, 2011, p. 227) por ela, mas sim é celebrado por aqueles que têm a coragem de se deleitar com essa arte. Afinal, tatuar-se é uma irreverência e, ao mesmo tempo, uma homenagem à finitude da vida. Nosso corpo é um entre todos que vão se decompor debaixo da terra, por isso não faz sentido colocá-lo em um pedestal e mantê-lo imaculado, natural, como se ele não fosse atravessado ou não sofresse outras cicatrizes, como se não ocupasse espaços no mundo.

No projeto da Tatuagem de Heitor, tramamos uma representação de algo tecno-orgânico, com abstrações que lembram elementos observáveis através de um microscópio, formas biológicas como células e seres invisíveis, além de formas que pudesse representar um sistema inteligente e incorporamos neste conjunto as formas as ondas de frequência de algumas cores.

Abstrações tecno-organicas.
Trabalho de Amarelo.



Nesse momento, eu e ele dividíamos espaço, e vínhamos desenvolvendo uma rotina frequente de projetos e trocas artísticas. A ideia de tatuar a pele dele surgiu em uma dessas trocas, e a partir desses nossos diálogos, fui preenchendo uma folha de papel com diversos desenhos, possibilitando que ele me guiasse por onde ia o desejo. Recortamos da folha as imagens que ele escolheu e eu montei uma composição a partir disso.



Tatuagem de Heitor recém finalizada.
Fotografada por Amarelo (2022).

A Tatuagem não simplesmente marca a pele, ela também altera sua superfície, tornando o corpo consciente e sensível devido à sensibilização das áreas da pele que foram tatuadas.

O corpo consciente se desdobra, transmuta, se tornando uma espécie de órgão de captação das mais finas vibrações do mundo, sendo hipersensível, podendo entrar imediatamente em contato-osmose com outros corpos, se abrindo a outros corpos (Oliveira; Magalhães; Bemvenuto, 2021, p. 143).

Assim, a Tatuagem pode ser vista como um meio de dissolver as fronteiras da pele e revelar as terminações nervosas devido à sensibilização das áreas da pele que foram tatuadas, provocando uma experiência amplificada das interações corporais.

CLASSE

As Tatuagens desses híbridos são formas de resistência contra as estruturas de poder dominantes. Elas têm o potencial de desafiar as categorias de classe, pois a capacidade de acessar e incorporar tecnologia em nossos corpos pode romper as limitações impostas pelas divisões socioeconômicas.

Haraway argumenta que o ciborgue é uma forma de resistir à opressão e ao controle das hierarquias sociais tradicionais.

Em uma ordem mundial emergente, análoga, em sua novidade e abrangência, àquela criada pelo capitalismo industrial, argumento em favor de uma política enraizada nas demandas por mudanças fundamentais nas relações de classe (Haraway, 2009a, p. 59).

Muitas vezes associadas à marginalidade e à criminalidade, as Tatuagens também podem representar um meio de resistir às normas estabelecidas pela sociedade. Muitas vezes elas são usadas para expressar inconformidade, desafiar os padrões de beleza da sociedade ou para fazer uma declaração política.

A Arte frequentemente flerta com o papel de ser um agente provocador de transformações individuais e coletivas e o próprio termo ciborgue introduzido por Haraway surge como uma provocação. A inserção do conceito de uma tecno-organicidade na Tatuagem amplia ainda mais essa provocação, estimulando uma exploração profunda das implicações e interações entre vida em sociedade, ciência e tecnologia.

Eu sinto que eu gostei muito e eu me sinto muito mais confortável entendendo a tatuagem como um lugar de troca assim mesmo, de escambo [...]. A minha lombra é que é muito mais interessante essa espontaneidade de uma tatuagem que vai que acontece numa troca num rolê, sabe? E que não tanto é entendida como um commodity mesmo; pra algumas pessoas é até um artigo de luxo [...]. Acho que tem uma relação com o capitalismo assim, que a gente não é mais bonito pelo jeito que a gente age ou por ser quem a gente é, assim, mas pelo que a gente pode acoplar ao nosso corpo, assim, sabe? Acho que o capitalismo se utiliza muito disso também, que tem que mercantilizar nosso corpo. E aí tá uma tensão do ciborgue, inclusive, para não ficar caindo nessa armadilha (Trecho de diálogo com Heitor, agosto de 2023).

A Tatuagem corre o risco de se submeter a essa lógica de vitrinificação assim como ela também pode se tornar um meio de subversão em busca de autoestima e de resistência ao capitalismo. Na visão de Heitor, percebo que a espontaneidade e o caráter de troca desse ato desafiaram, naquele momento, a inclinação capitalista de mercantilizar o corpo.

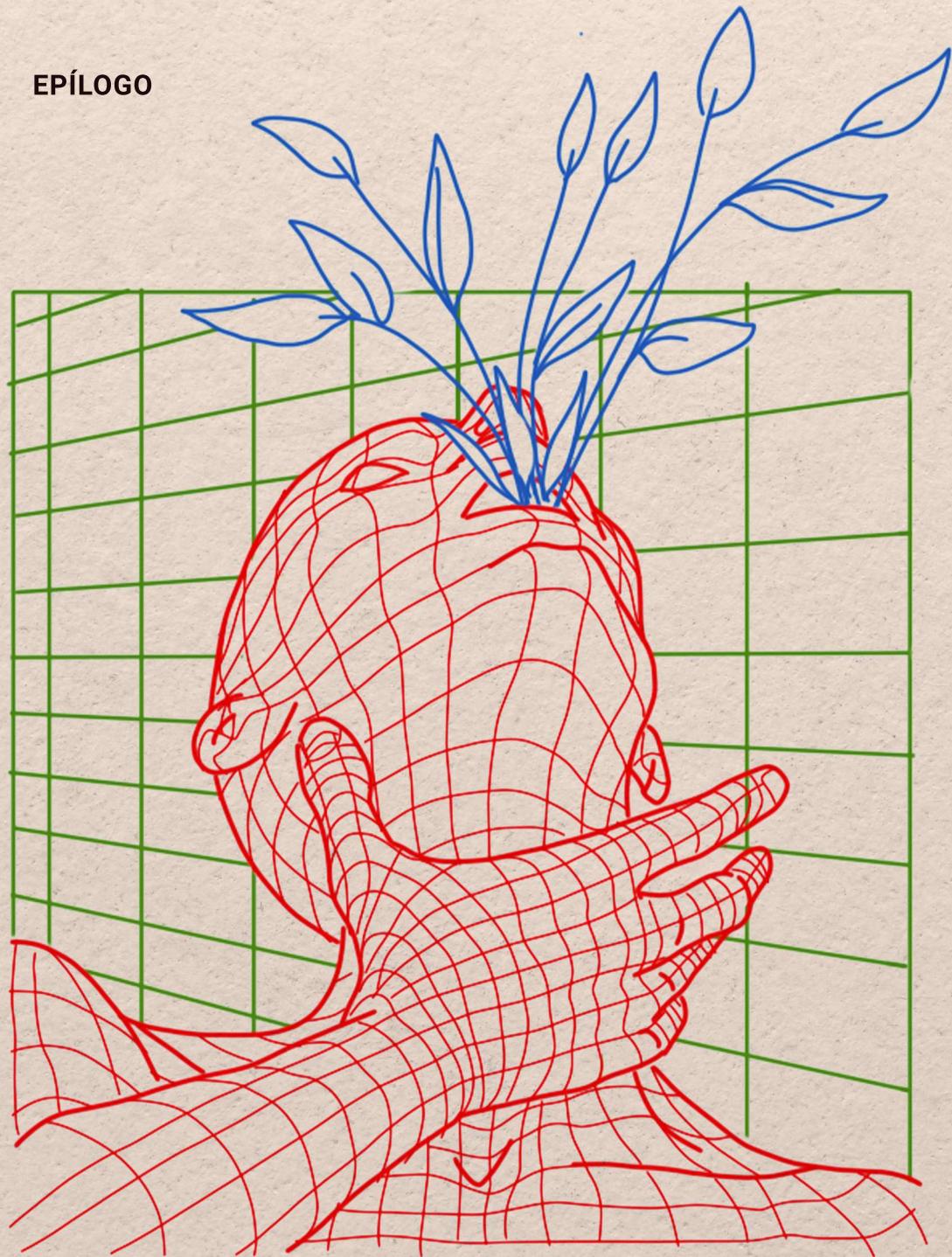
Essa tensão entre a mercantilização do corpo e a busca por autonomia ecoa as palavras de Haraway,

o principal problema com os ciborgues é, obviamente, que eles são filhos ilegítimos do militarismo e do capitalismo patriarcal, isso para não mencionar o socialismo de estado. Mas os filhos ilegítimos são, com frequência, extremamente infieis às suas origens. Seus pais são, afinal, dispensáveis (Haraway, 2009a, p. 40).





EPÍLOGO



Ser tecno-orgânico. Arte autoral por Amarelo (2021).

A quebra de categorias facilitada pela Tatuagem não significa que todas as tatuagens sejam politicamente subversivas ou que todas as pessoas que tenham tatuagens sejam ativistas - nem toda quebra de dicotomias ou união tecno-orgânica é proveitosa. Em ambos os casos, o pensamento crítico é imprescindível para avaliar as implicações e potenciais impactos dessas escolhas, tanto no âmbito individual quanto no contexto da sociedade.

A carência de estudos, bem como a escassa representação dessa forma de expressão artística em museus e galerias sugere uma invalidação desta linguagem enquanto Arte. Vejo que, ao abrir este campo de estudo, outras pesquisas poderão emergir, explorando conexões entre o Manifesto Ciborgue e as expressões artísticas. O que abre margens para uma movimentação das práticas de Tatuagem no contexto das Artes Visuais e estabelece um novo campo de pesquisa nessas formações.

Por meio deste trabalho, almejo que artistas tatuadores, a comunidade científica e a sociedade em geral possam reconsiderar a arte da Tatuagem sob a perspectiva da ciborgização. Minha esperança é que esse processo contribua para uma reconciliação com essa linguagem, que enfrenta tantos preconceitos e estigmas. Essa pesquisa favorece um valioso aprofundamento em minha formação e viabiliza o explorar de áreas de pesquisa que me entusiasmam.

A pesquisa aqui apresentada contou com leituras e releituras das obras de Haraway, e pretendo seguir me debruçando sobre as obras dessa autora que tanto dialogam comigo. O nosso encontro, representado por este estudo, é um efêmero registro em um contexto temporal e espacial delimitado, e suas (in)conclusões seguem se lançando em novos percursos.

As ramificações desse encontro me atravessam, e estou certa de que continuarão a influenciar minhas experiências. Essa pesquisa permeia de maneira intrincada a minha trajetória, afetando diversos aspectos da minha atuação como tatuadora nesse cenário em constante evolução.

Pretendo seguir incorporando e explorando o conceito e as características do hibridismo como uma fonte de inspiração em minha produção. Isso inclui uma série de desenhos que venho desenvolvendo, todos eles inspirados na noção de tecno-organicidade. Tenho a ambição de explorar outras possibilidades, como a criação de tatuagens animadas por meio da técnica de rotoscopia.

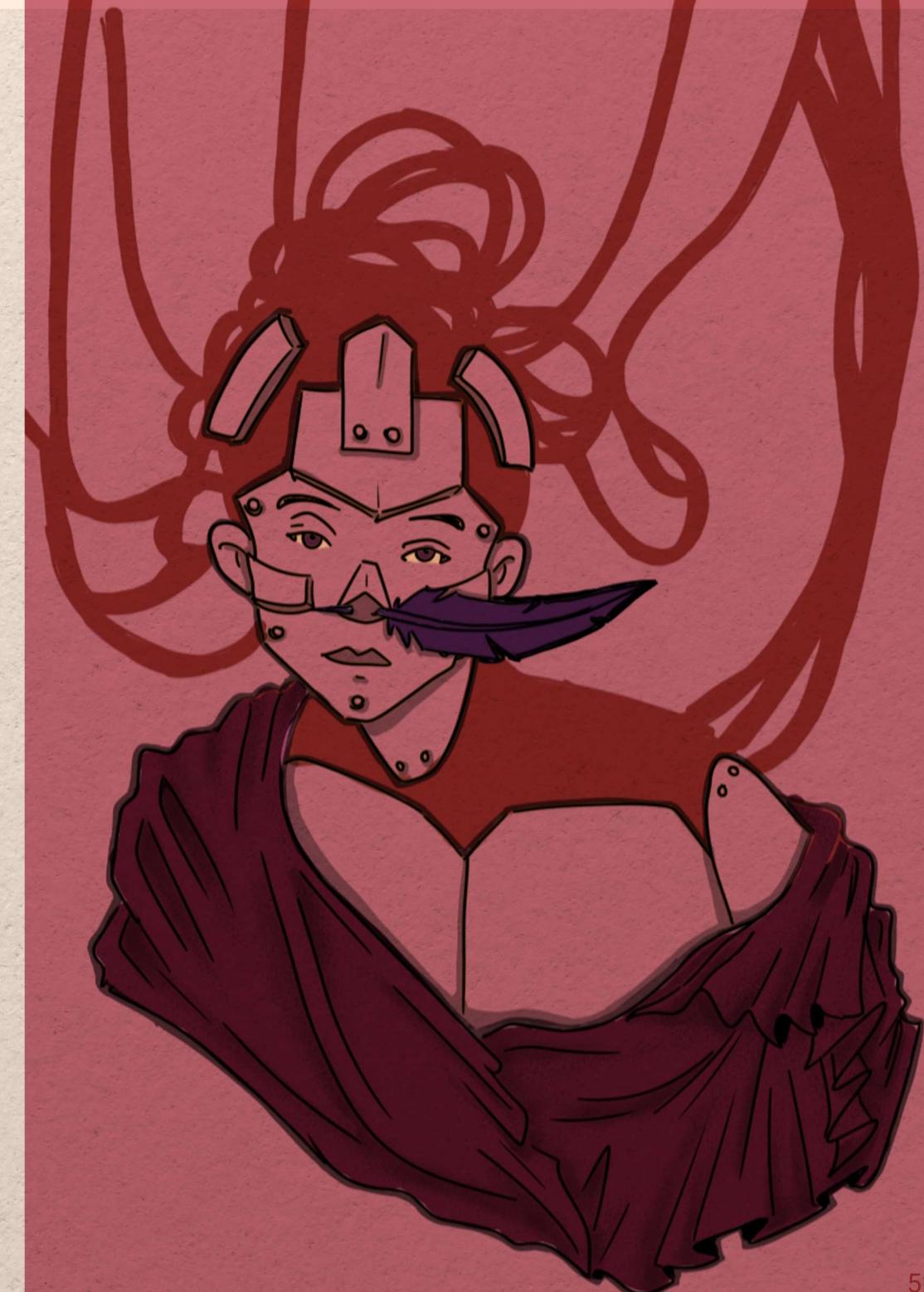
A cibercultura pode ser considerada intrínseca à forma como produzimos cultura. No entanto, a tecnologia não é ingênua; há um discurso subjacente, um reflexo das escolhas políticas e ideológicas que a moldam, assim como as tatuagens são reflexos das identidades individuais e sociais que regulam nosso comportamento.

É crucial não adotar a cômoda postura de enxergar os recentes avanços tecnológicos como inimigos em comum. Pelo contrário, os impactos desses avanços são tão fluidos quanto os de qualquer ferramenta nova, uma vez que são produtos intrínsecos à sociedade. Nossas ferramentas são reflexos das complexas interações entre indivíduos e coletividade influenciando e sendo influenciados pelas dinâmicas culturais e sociais em constante evolução. A visão negativa dos avanços tecnológicos se dá pela desconfiança no sistema político-econômico, que visa capital sem efetivamente transformar o bem-estar social, um fenômeno conhecido como plutocracia.

O monopólio tecnológico concentrado nas mãos das grandes corporações multinacionais, que operam em seu modelo capitalista voltado para o lucro, é responsável pelas implicações negativas que por vezes são vistas como subprodutos desses avanços. Entretanto, é importante compreender que o avanço tecnológico é impulsionado pela disputa entre monopólios na economia do desenvolvimento tecnológico. Essa evolução da nossa tecnologia altera o comportamento nas relações sociais e de consumo, o que tem influência na relação, ou na ausência de uma relação, dos indivíduos com a prática da Tatuagem.

A tecnologia cibernética é desenvolvida ou influenciada pelas demandas culturais e, da mesma forma, a Tatuagem também está interligada a essas mudanças. Ela é moldada por influências culturais e econômicas, sendo determinada pelas tendências e expectativas sociais. Essas influências não se limitam apenas ao aspecto estético, mas também abrangem o desejo de modificar o corpo. A cultura da Tatuagem tem impacto não só no nível individual, mas também na sociedade e na cultura como um todo.

Arte autoral elaborada por Amarelo para tatuar o corpo de Maré (2023).



Uma opção viável é pensar a tecnologia a partir da realidade ciber-incorporada em que vivemos, desenvolvendo um uso consciente e menos prejudicial dessas ferramentas. “A moldura para minha imagem é determinada pela extensão e pela importância dos rearranjos das relações sociais, mundialmente, nas áreas de ciência e tecnologia” (Haraway, 2009a, p. 58).

O uso da cibernetica como ferramenta de transformação social é essencial para além da Tatuagem em si. Pretende-se adotar a tecnologia como forma de luta política, como forma de pensar a natureza, de produzir alimentos de formas benéficas, de reduzir os danos ao meio ambiente, de dar novas possibilidades à medicina, entre outros campos.

Empoderando-se da tecnologia como uma ferramenta de transformação social, a sociedade a terá como arma e aliada na luta contra as barreiras do naturalismo sufocante imposto pela oposição entre homem e máquina.

A conexão entre Tatuagem e o conceito de ciborgue, evidenciada neste estudo, tem a pele como protagonista dessa interconexão. Tal órgão atua como um elo que une diversos elementos: nossa expressão social, nosso corpo em relação ao ambiente externo, a relação do ser humano com a natureza, com os não humanos e por último, mas não menos importante, com a tinta que marca nossos corpos. Essa complexa rede de conexões destaca como a Tatuagem transcende sua natureza física e se torna uma manifestação de identidade, de interação com o mundo e até mesmo uma expressão da relação da tecnologia com a sociedade em constante evolução.

Ainda assim, a Tatuagem, como forma de expressão, tem um potencial disruptivo que abre espaço para questionamentos e desafios a essas categorias tradicionais, a fim de criar redes de interação entre humanos e não-humanos “abraçando suas diferenças ‘sem reduzi-las como faziam relativismo e sem exagerá-las como faziam os modernizadores” (Oliveira; Magalhães; Bemvenuto, 2021, p. 148).

Como afirmou Donna Haraway, (2009a, p. 39) “O ciborgue está determinadamente comprometido com a parcialidade, a ironia e a perversidade. Ele é oposicionista, utópico e nada inocente”. Desta forma, encerro este estudo convidando o leitor a reimaginar nossa própria identidade e existência por meio da lente da ciborguização.



REFERÊNCIAS

BITARELLO, Breno; QUEIROZ, João. Tatuagem e novas aplicações biotecnológicas, 2009. III semana de pesquisa em artes 10 a 13 de novembro de 2009 art uerj processos artísticos contemporâneos. Disponível em: https://www.academia.edu/1288440/III_semana_de_pesquisa_em_artes_10_a_13_de_novembro_de_2009_art_uerj_processos_art%C3%ADsticos_contempor%C3%A2neos. Acesso em: 24 ago. 2023.

BONDÍA, Jorge Larosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100003>. Acesso em: 7 agosto 2023.

COUY, Venus. B. Modificações Corporais: Nas Bordas Do Espanto, Nas Margens Do Estranho. Travessias, Cascavel, 2011. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/4719>. Acesso em: 5 maio. 2022.

GORENDER, Míriam Elza. Estéticas do corpo: técnicas de modificação corporal. Cogito, Salvador, 2008 . Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1519-94792008000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 05 maio 2022.

HARAWAY, Donna J. Manifesto Ciborgue: Ciência, Tecnologia e Feminismo-Socialista no Final do Século XX. In: HARAWAY, Donna; KUNZRU, Hari & TADEU, Tomaz, Antropologia do ciborgue: As vertigens do pós-humano, Belo Horizonte, Autêntica, 2009a, 2a ed.).

HARAWAY, Donna J. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, 2009b. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773>. Acesso em: 16 nov. 2022.

HEIDEGGER, Martin. A Caminho da Linguagem. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. ed. Vozes, 2003. Disponível em: <https://abdet.com.br/site/wp-content/uploads/2015/01/A-Caminho-da-Linguagem.pdf>. Acesso em: 4 setembro 2023

LE BRETON, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

LISE, Michelle Larissa Zini; GAUER, Gabriel José Chittó; NETO, Alfredo Cataldo. Tatuagem: Aspectos Históricos e Hipóteses Sobre a Origem do Estigma. Brazilian Journal of Forensic Sciences, Medical Law and Bioethics, 2013. Disponível em: <https://www.ipebj.com.br/bjfs/index.php/bjfs/article/view/493>. Acesso em: 5 maio 2022.

OLIVEIRA, Letícia Carvalho da Silva; MAGALHÃES, Thalita Braga da Silva; BEMVENUTO, Virna da Silva. Tecnoperformance | Gestos Indomesticados: ações para desdomesticar o corpo. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/nava/article/view/34736>. Acesso em: 19 jul. 2023.

PEREIRA, Marlene. B. de J.; RABINOVICH, Elaine. P. Corpos Tatujados: desejo de memória em completude. Memorandum: Memória e História em Psicologia. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6872>. Acesso em: 5 maio. 2022.